

Minha Luta no Brasil:
Editora Globo, 1934-1942

My Struggle in Brazil:
Editora Globo, 1934-1942

Mia Lucha en Brasil:
Editora Globo, 1934-1942

Eliane Hatherly Paz^{1, 2}

RESUMO

Este artigo é um recorte da minha pesquisa sobre a história editorial do livro *Mein Kampf*, de Adolf Hitler, no Brasil. Neste trabalho, investigo a produção, a circulação e a recepção do lançamento de *Minha Luta* – como seu título foi traduzido para o português – no país, em setembro de 1934, pela Editora Globo de Porto Alegre. Até agosto de 1942, quando a obra foi proibida pelo presidente Getúlio Vargas, foram impressas sete edições. Muito do pouco que se sabe sobre o lançamento nacional de *Minha Luta* encontra-se registrado em notícias esparsas e, muitas vezes, discordantes, nos periódicos da época e em obras de referência. Trazer à luz os detalhes dessa história preencherá uma lacuna nos estudos do livro.

¹ Doutora e Mestre em Letras, ambos pela PUC-Rio. Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (PUC-Rio), pós-graduada em Docência do Ensino Superior (UNESA) e em Assessoria de Comunicação (UniverCidade). Possui especialização em Book Publishing - Formação Executiva na Indústria do Livro (FGV-RJ) e em Book Publishing (NYU). Bolsista Capes PDEE entre maio e setembro de 2011 (École des Hautes Études en Sciences Sociales/EHESS - Paris/França). Integrou a equipe de pesquisadores da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio de Março de 2007 a Março de 2012. Coordenadora e Professora das pós-graduações lato sensu "A Produção do livro: do autor ao leitor" e "Leitura: teoria e práticas" na CCE/PUC-Rio (2006-2007; 2009-2011). Atuou como Professora-Tutora no curso de Capacitação em EAD da CEAD/UNIRIO, de 2011 a 2013 (Bolsista Capes). Pesquisa principalmente os seguintes temas: história, produção e mercado editorial; história do livro no Brasil; novas tecnologias da informação e comunicação. E-mail: eliane.h.paz@gmail.com

² Endereço de contato da autora (por correio): UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Av. Pasteur, 296 - Urca - Cep 22290-240, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, n. 5, Setembro-Dezembro. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2n5p408>

PALAVRAS-CHAVE: *Minha Luta*; Adolf Hitler; Editora Globo; história editorial brasileira.

ABSTRACT

This article is an excerpt from my research on the publishing history of *Mein Kampf*, by Adolf Hitler, in Brazil. In this paper, we investigate its production, circulation and reception in the country in September 1934, by Editora Globo, in Porto Alegre/RS. Until August 1942, when the work was banned by President Getúlio Vargas, seven editions were printed. Much of the little that is known about the national launch of *Mein Kampf* is recorded in sparse and often discordant news in periodicals of the time and reference works. Bring to light the details of this story will fill a gap in the book studies.

KEYWORDS: *Mein Kampf*; Adolf Hitler; Editora Globo; Brazilian publishing history.

RESUMEN

Este artículo es un extracto de mi investigación sobre la historia de la publicación del libro *Mein Kampf*, de Adolf Hitler, en Brasil. En este trabajo, investigamos la sua producción, circulación y recepción en el país en septiembre de 1934, por la Editora Globo, en Porto Alegre/RS. Hasta agosto de 1942, cuando la obra fue prohibida por el presidente Getúlio Vargas, se imprimieron siete ediciones. Gran parte de lo poco que se sabe sobre el lanzamiento nacional de *Mein Kampf* se registra en las noticias limitadas y muchas veces discordantes en publicaciones periódicas y obras de referencia.

PALABRAS CLAVE: *Mi Lucha*; Adolf Hitler; Editora Globo; historia de la publicación brasileña.

Recebido em: 22.09.2016. Aceito em: 10.11.2016. Publicado em: 25.12.2016.

Apresentação

Na Alemanha, poucas pessoas deram importância às memórias do ainda desconhecido Adolf Hitler, presidente do também inexpressivo Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), quando estas foram lançadas em julho de 1925. À exceção dos simpatizantes e militantes filiados ao NSDAP, a empobrecida população alemã tinha necessidades mais prementes nas quais investir os 12 marcos que custavam cada exemplar do primeiro tomo de 400 páginas de *Mein Kampf*. Da mesma forma, o segundo volume, publicado em dezembro de 1926, não despertou o interesse desejado por seu autor. O cenário mudou vertiginosamente a partir da década de 1930, quando, por conta da crise de 1929, o NSDAP se tornou a segunda força política do *Reichstag* e, em 1933, Hitler foi eleito Chanceler. De centenas, os exemplares vendidos passaram a milhares e alcançaram seu primeiro milhão. Todos queriam saber os planos do homem que prometia devolver à Alemanha seus dias de glória.

No Brasil de 1925, a repercussão do lançamento do libelo nazista foi inexistente. Somente com a nomeação de Hitler, oito anos depois, a imprensa nacional passou a prestar atenção no chefe do partido nazista. Um dos primeiros jornais brasileiros a noticiar a obra foi *O Dia*. Em pequena nota na primeira página da edição de 7 de julho de 1933, o periódico informa, mesmo que erroneamente, o “lançamento” do livro na Alemanha – àquela altura já com seus dois volumes condensados num só, em papel fino, capa escura e em formato de bolso, “cujas edições foram esgotadas em rápidos minutos” –, certamente uma das ações de promoção do Führer e de sua obra posta em prática pelo ministro da propaganda nazista, Joseph Goebbels.

A 1ª edição brasileira de *Minha Luta*

Minha Luta voltaria a ser notícia por aqui em 1934, quando foi lançado no jovem mercado brasileiro pela Editora Globo. Entretanto, a história da negociação do *copyright* de *Mein Kampf* por Henrique Bertaso, diretor do departamento editorial, necessita ainda de esclarecimento. Em seu livro *A Globo da Rua da Praia*, José Otávio Bertaso, filho de Henrique, narra da seguinte maneira o episódio:

Em 1936, Henrique Bertaso conversou com seu pai sobre um projeto de ir à Europa visitar editoras e agentes literários com os quais a Livraria do Globo já havia negociado e participar da famosa Feira do Livro de Leipzig. (...)

No ano seguinte, Henrique e Luísa, ciceroneados por João Geraldo Krahe, comerciante amigo também estabelecido na rua da Praia, embarcaram no *Netúnia* rumo à Europa. Visitaram, sucessivamente, França, Alemanha, Inglaterra e Itália.

Enquanto isso, na Alemanha, impressionado com o desenvolvimento do país, Henrique foi instado a adquirir os direitos para publicação no Brasil de *Mein Kampf*, do chanceler Adolf Hitler. (BERTASO, 2012: 36-37)

Laurence Hallewell, maior referência da atualidade sobre a história editorial brasileira, ratifica a informação: “Já em 1936, Henrique Bertaso estava viajando pela Europa para negociar a compra de outros direitos. (...) Um resultado direto da viagem de Bertaso foi a publicação de *Minha Luta*, obra escrita pelo então novo chanceler alemão, Adolf Hitler” (2012, p. 442). Sendo assim, segundo os cálculos de José Otávio e Hallewell, o livro de Adolf Hitler só teria sido lançado por aqui entre 1937 e 1938. Em suas memórias do amigo e editor, *Um certo Henrique Bertaso*, Erico Verissimo não deixa registro sobre o episódio da publicação de *Minha Luta* pela editora na qual era responsável pela *Revista do Globo*, apesar de lembrar a viagem de Henrique – para o escritor,

realizada em 1937 – e de dedicar o capítulo XXIX aos “dias difíceis” vividos entre 1930 e 1945.

No entanto, ao pesquisar o acervo da *Revista da Livraria do Globo*, quinzenário do grupo editorial gaúcho, me deparei com o exemplar de número 12, de 27 de junho de 1934, onde já era anunciada a iminente edição brasileira do libelo nazista: “Publicamos aqui um trecho do sensacional livro de Adolf Hitler, *Minha Luta (Mein Kampf)*, que a *Livraria do Globo* editará dentro em breve, numa esplêndida tradução fiel e integral”. Juntamente foram divulgados, em três páginas (33 a 35), excertos da obra do chanceler alemão para conhecimento do público brasileiro. Os trechos selecionados se referem às opiniões de Hitler sobre a situação dos países europeus antes da 1ª Guerra Mundial. Duas semanas depois, a 10 de julho, a edição brasileira de *Mein Kampf* já é notícia nas páginas de um dos principais jornais da capital do país, o *Jornal do Brasil*, que presenteia seus leitores com a reprodução de quase todo o primeiro capítulo do livro:

O livro do sr. Adolf Hitler, “Mein Kampf”, tem hoje celebridade mundial, pois que é uma narrativa forte das lutas que compõem a existência do atual ditador da Alemanha.

Apesar disso, o livro ainda não foi traduzido, integralmente, para nenhum outro idioma. Conhece-se uma edição resumida em inglês. A versão francesa acaba de esbarrar numa decisão judicial, por falta de autorização do editor alemão.

Vamos ter, aqui no Brasil, as primícias de uma tradução completa, a cargo de um ilustre intelectual, o professor Matos Ibiapina, do Colégio Militar desta capital, e mercê da Livraria da Globo, de Porto Alegre. Dessa tradução oferecemos, hoje, aos nossos leitores, em primeira mão, excertos do capítulo em que Hitler conta episódios de sua juventude difícil e aventureira.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, n. 5, Setembro-Dezembro. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n5p408>

Menos de três meses depois, em 6 de setembro, a *Revista da Livraria do Globo* publica a resenha, não assinada, bastante elogiosa e com claro intuito publicitário:

Se se fizesse um inquérito mundial com o fim de saber qual o vulto da política internacional mais saliente nos dias que correm, temos certeza de que seria apontada unanimemente a figura de Adolf Hitler, atual presidente do *Reich*, personalidade que arrebatava a turba com a força da sua palavra, com o fogo de seu entusiasmo. A vontade que se afirmou contra todas as vicissitudes, contra todos os obstáculos. Adolf Hitler – ‘o grande tambor’, como ele próprio se denomina – foi e continua sendo o caso mais sensacional no mundo da política contemporânea. (...)

MEIN KAMPF corre o mundo, lido, discutido, atacado, elogiado, odiado, admirado. É este mesmo o destino de todas as grandes obras. O mais surpreendente em MINHA LUTA é o tom de sinceridade, o que ele tem de desabusado, de decidido, de claro, de contundente. Quando o escreveu, Hitler não tinha a responsabilidade do estadista. Era o revolucionário. Era o agitador. Era o grande tambor que rufava (...), chamando os que ainda acreditavam no reerguimento da Alemanha, acordando as energias adormecidas da raça. MINHA LUTA por isto é vibrante. (...)

Comprar MINHA LUTA é dever de todo homem moderno que quer estar a par dos vultos e dos fatos de seu tempo.

Antecipando o quinzenário da Globo, em 2.9.1934 o *Correio do Paraná* noticia, em box intitulado *Livros Novos*, a tradução brasileira, chamando a atenção para as ‘qualidades’ do texto e de seu autor:

Uma das figuras que mais interesse despertam no cartaz político da atualidade é sem dúvida alguma a de Adolf Hilter, que está hoje dirigindo os destinos da velha e gloriosa Alemanha. Isto explica a avidez ansiosa com que o mundo que lê recebeu as sucessivas edições que na Alemanha, Estados Unidos, França, Inglaterra e outros países se fizeram de seu livro de memórias “MEIN KAMPF”.

A leitura é interessante e constitui uma esplêndida lição para os que estão lançados na vida política e é também uma fonte de exemplo

para os que, em qualquer ramo da atividade humana, precisam de coragem para lutar.

Em 4 de setembro de 1934, *O Dia* cita novamente “o grande livro de Adolf Hitler”, desta vez para saudar, com entusiasmo, a recém-lançada “edição da Livraria do Globo”:

Finalmente temos em português MEIN KAMPF, o livro que mais ruído tem causado nos últimos tempos não só na Europa como também nas duas Américas. Até nós só chegava o eco dos comentários, visto como até há pouco não tínhamos essa obra traduzida para o português. Agora a Livraria do Globo nos oferece num volume bonito a MINHA LUTA de Adolf Hitler. A tradução, que se deve ao Major Matos Ibiapina, é integral e fiel, o que não aconteceu, segundo lemos, com a tradução inglesa, que foi cortada, e com a tradução francesa, que foi adulterada tendenciosamente em certos pontos – fato que valeu um processo e uma multa para a casa editora parisiense.

MINHA LUTA é um livro que oferece leitura interessante e fértil em exemplos. Exemplos para quem se atira às lutas políticas. Exemplo para quem quer beber em fonte autorizada conselhos de experiência. Exemplos para quem precisa de ânimo para lutar. Hitler escreve sem pretensões literárias. O seu estilo é simples, direto e vigoroso. Há páginas que parecem chispar fogo. Em MINHA LUTA acompanhamos a carreira vertiginosa de Herr Hitler, desde a sua infância até a sua vitória como chefe e animador dos Nazis.

MEIN KAMPF foi traduzido num sem número de línguas. Quase todas as traduções estão cortadas nos pontos em que o autor se refere com certo desassombro e sarcasmo a alguns problemas europeus que envolvem potências importantes do Velho Mundo. A tradução brasileira não podia deixar de ser integral visto como o Brasil não é em MEIN KAMPF atingido de maneira nenhuma.

Esse texto é reproduzido *ipsis litteris* pelo *Diário de Pernambuco*, em 13 de setembro de 1934, que apenas insere um agradecimento ao final da matéria sem, contudo, citar a fonte da notícia original: “Gratos aos representantes da Livraria do Globo no Recife, pelo exemplar que nos ofereceu”. Já o *Correio do Paraná* volta a destacar o livro de Hitler em 18 de setembro de 1934, em sua coluna “Livros Novos”, na 4ª página do 1º caderno:

Pode-se afirmar sem exagero que MEIN KAMPF, o livro de memórias de Adolf Hitler, o ditador do Reich, tem sido a obra de maior divulgação dos últimos tempos. Em torno dele se levantou na Europa e na América uma celeuma que dá bem ideia da importância do livro. Realmente MEIN KAMPF, que se publica agora pela primeira vez em língua portuguesa como título de MINHA LUTA, é um livro destinado a empolgar as multidões.

(...) O livro interessa desde a primeira até a última página, MINHA LUTA, que está numa bonita edição da Livraria do Globo, foi traduzido primorosamente pelo major Matos Ibiapina. O volume tem perto de seiscentas páginas e se acha reproduzido integralmente, sem o menor corte ou alteração.

MINHA LUTA é livro que interessa a todo o homem moderno que deseja ter uma ideia do que foi a carreira vertiginosa de Adolf Hitler.

Em crítica publicada na *Gazeta de Notícias*, no dia 12 de março de 1935, Carvalho e Silva reproduz, em tom de exaltação, o ideário do “mito do herói” construído pelo Führer em suas memórias, além de denotar o alinhamento do jornal com o governo Vargas e as diretrizes do Estado Novo:

“Mein Kampf” vem de ser publicado em nosso idioma. Já era tempo. Nunca uma obra se fez tão necessária quanto essa, em uma época como a que atravessamos. É, pois, oportuníssimo o aparecimento da obra fundamental do nazismo, uma vez que a sua estrutura monumental vale por um catecismo ideológico para uma juventude que se esforça por encontrar caminho para a sua inquietação.

Adolf Hitler o escreveu de um só jato, no recesso de uma prisão que, longe de o denegrir ou de matar nele a fibra de combatente singular acentuou-lhe as glórias puras do futuro “Reichsfurer” (sic) e afinou-lhe a sensibilidade adusta de guerrilheiro. (...)

Hitler não poderia dar a seu livro um título mais apropriado. A história do Nacional Socialismo é a história das suas próprias lutas.

O articulista reaparece com uma resenha “especial para a *Gazeta de Notícias*”, publicada em 5 de abril do mesmo ano, sob o título “O livro de Adolpho Hitler”. Diagramada em duas finas colunas que ocupam, em altura,

pouco mais da metade superior do caderno, Carvalho e Silva volta-se para a narrativa de Hitler sobre a sua atuação na 1ª Guerra Mundial como cabo do exército alemão, julgada por ele como o pano de fundo para que suas ideias sobre o futuro da Alemanha tomassem corpo:

Todos os problemas merecem-lhe um estudo demorado, um raciocínio contínuo. Nos interregnos das batalhas, ou mesmo durante o pipocar dos fuzis, enquanto os companheiros só querem saber de descansar ou de não pensar, ele não se afasta um milímetro da severa linha que se traçou. É assim que vemos surgir páginas admiráveis pela paciência política, páginas marcantes pela soma bruta de censuras justas, (...). É quando nasce nele o desejo de, se sobreviver, dedicar-se à política, como orador.

Mas não são só elogios que cercam a publicação. Passado pouco tempo do impacto de seu lançamento, e da 'euforia' causada pela edição brasileira, os jornais começam a publicar artigos resultantes de leituras aprofundadas, analíticas, e o livro, que antes era saudado como "destinado a empolgar as multidões", passa a ser encarado como um conjunto de "extravagantes absurdos". O *Correio da Manhã* em texto não assinado na página 4, de 20 de julho de 1934, chama a atenção para as "muitas incoerências" encontradas na "bíblia do nazismo", citando particularmente a noção de superioridade racial pregada no libelo. Em 10 de outubro, o crítico literário Eloy Pontes, que assinava sua coluna *O Mundo das Letras*, no jornal *O Globo*, como E.P., faz uma severa crítica ao livro, sob o título "O phenomeno imprevisto das dictaduras":

(...) Ainda agora acabamos de ler "Minha Luta" (Livraria do Globo, editor), livro exaustivo, onde Hitler verteu o fel de todos os seus ódios, rancores e despeitos. É obra de leitura penosa. Atochada, indigesta e exaustiva, "Minha Luta" é a história das prisões, dos expedientes e das malícias por ele gastos para se constituir ditador. Logo no prefácio encontramos-nos com a "marotte" do semitismo. Como ninguém ignora, Hitler explorou a campanha contra os judeus, de modo imprevisto, conseguindo sucesso. Ele aqui nos fala da imprensa semítica que foi a trincheira mais penosa de suas batalhas: atribuindo

importância extraordinária ao semitismo, Hitler enfrenta ainda outros fantasmas. Não deixa de ser extraordinária a audácia desse exibicionista de polpa, quando aborda assuntos de natureza literária. Ele procura analisar tudo e faz tábula rasa dos valores incontestáveis do gênio alemão. Os alemães, em regra, ciosos e por motivo (?) das suas glórias, não têm dúvidas em admitir por chefe um austríaco que escreve coisas assim.

(...)

Os macaqueadores botocudos de Hitler, que nos importunam com suas cabotinadas, ficam distanciados imenso de tudo que concluímos da leitura deste volume. A "Livreria do Globo" deu dele uma edição excelente. Por isso mesmo a leitura penosa pela massa espessa da retórica e dos sofismas pode ser levada a termo sem sacrifícios...

A 9 de novembro, *O Globo* critica mais uma vez o livro de Hitler, ao compará-lo com o recém-traduzido libelo de Gottfriede Fedder – o "verdadeiro evangelista" da ideologia nacionalista, porém considerado por Hitler apenas um teórico, não um político –, *As bases do nacional-socialismo*, posto no mercado "por iniciativa dum grupo de integralistas do Sr. Plínio Salgado". Três dias depois, em 12 de novembro, *O Globo* publica uma terceira resenha. Assinada por Americo Valerio, o foco do articulista é "o conjunto de monstruosidades biológicas, literárias e simbiológicas que Hitler, socando leituras apressadas e contraditórias, propala em relação ao passado e futuro arianos da pátria de Goethe". Percebe-se, por essa sequência de resenhas que, à medida que os meses passam, o livro de Hitler deixa de ser visto como o livro de memórias de um "grande líder" para ser encarado como o que realmente é: um programa despótico de governo. E é assim que ele passa a ser citado nas matérias que inundam os jornais, conforme os fatos se sucedem vertiginosamente na Europa, acabando por levar a Alemanha a ameaçar novamente a paz mundial.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, n. 5, Setembro-Dezembro. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2n5p408>

A tradução da Editora Globo

Considerada uma das mais respeitadas da história editorial brasileira, a empresa foi fundada em dezembro de 1883 pelo português Laudelino Pinheiro de Barcellos como uma pequena papelaria e livraria, a *Livraria do Globo*, e passou para as mãos do italiano José Bertaso, antigo funcionário e sócio, em 1918. Por essa data, ao próspero negócio livreiro e papeleiro já havia sido acrescida uma tipografia, que produzia 'livros em branco' para a escrita de outras firmas. O primeiro empreendimento editorial da Globo foi o *Almanaque do Globo*, publicado em 1916, que trazia curiosidades de caráter geral e textos de escritores locais. Sua direção foi entregue a Mansueto Bernardi, administrador do escritório da firma, e também poeta e prosador, que passou a receber originais de autores gaúchos consagrados, e também dos inéditos. Foi Bernardi quem iniciou a importação de livros europeus para a *Livraria do Globo*, assim como quem deu os primeiros passos para transformá-la em uma renomada editora nacional, ao publicar, com o selo da casa – um globo terrestre com o dístico *Urbi et orbi* –, autores traduzidos da Itália, Espanha, França e Alemanha. Como registra Hallewell:

Não constitui surpresa que a Globo, sendo uma editora sediada no Rio Grande do Sul, tenha traduzido também muitos autores de língua alemã, desde Franz Kafka, Thomas Mann, Lion Feuchtwanger (*O Judeu Süss*) e Erich Maria Remarque, até aquele sempre popular autor de *westerns*, Karl May. (2012, p. 442)

Em janeiro de 1929, José Bertaso lançou, também sob a direção de Mansueto Bernardi, a *Revista da Livraria do Globo*, uma publicação quinzenal de *marketing* da produção editorial da Globo e veículo de divulgação para os jovens e inéditos escritores que colaboravam com seus contos, como o gaúcho Erico Verissimo. Em janeiro de 1931, com a ida de Bernardi para a Casa da



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, n. 5, Setembro-Dezembro. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n5p408>

Moeda a convite de Getúlio Vargas, Henrique Bertaso, filho mais velho de José Bertaso, assumiu o departamento editorial e Erico Verissimo, a direção da *Revista do Globo*, onde trabalharia praticamente sozinho, como registrou em texto autobiográfico:

Começou assim um novo capítulo de minha vida. Durante o dia eu trabalhava na redação da *Revista do Globo*. O processo era mais ou menos o mesmo das outras revistas brasileiras da época. Nossos "colaboradores" eram a tesoura e o pote de cola. Como nunca havia verba para comprar matéria inédita, o remédio era recorrer à pirataria. Eu traduzia contos e artigos de revistas americanas, francesas, inglesas, italianas e argentinas, mandando também reproduzir em preto e branco suas ilustrações. (VERISSIMO, 1967, p. 49-50)

Henrique, dando prosseguimento ao plano de Bernardi de transformar a *Livraria do Globo* em uma editora próspera e reconhecida no mercado nacional de livros, começou por se dedicar aos títulos já comprados por Mansueto, mas logo passou a adquirir direitos autorais de obras de maior vulto, e iniciou a criação de coleções. Foi nesse contexto que surgiu a Seção Editora. A ampla visão editorial e comercial de Henrique, aliada a propósitos puramente empresariais, deram a tônica da linha editorial da casa, como registra Elisabeth Torresini em seu cuidadoso estudo sobre a editora:

Torna-se importante salientar que, se o nome da *Globo* esteve ligado indiretamente à "esquerda", porque (...) continuava divulgando (...) a [obra] de autores que faziam ferozes críticas à sociedade burguesa e aos regimes totalitários, esteve, também, anteriormente, próxima da "direita", quando divulgou Hitler com seu *Mein Kampf*, e alguns autores gaúchos simpatizantes do nazi-fascismo e do integralismo, como é o caso de Félix Contreiras Rodrigues. A lista pode ser alongada com inúmeros exemplos, mas basta, por hora, citar *Judeu Internacional*, de Henry Ford (1933); *Nacionalismo: o problema judaico e o Nacional Socialismo*, de Anor Buttler Maciel (1937) e *A questão judaica*, do Padre J. Cabral, obras com caráter anti-semita e que foram editadas pela Globo.

Com posições radicalmente diferentes, em 1935, Dyonélio Machado, membro do Partido Comunista Brasileiro, aparece com *Os Ratos*, no qual faz uso da palavra para denunciar as injustiças sociais. A Globo

publica a obra de John Steinbeck, cuja força de denúncia marca a própria história dos EUA, e obras de Ibsen, de Huxley, de Cervantes, de Thomas Mann, Maugham, Gide, Proust, entre tantos outros escritores identificados com compromissos diferentes daqueles defendidos pelos simpatizantes do nazi-fascismo.

A editora, no entanto, interessa-se, como já foi dito, pelos leitores, extremados ou não, e pelos índices de venda resultantes das formas empregadas para garantir o sucesso de seus investimentos. Continua valendo-se da publicidade e (...) os métodos empregados pelos editores para divulgação das obras trazem algo de novo para esse ramo de negócio. (1999, p. 96-97)

Em seu livro sobre *A imagem do III Reich na Revista do Globo (1933-1945)*, Mateus Dalmáz confirma a clara direção publicitária da *Revista*, que, diante da perspectiva de excelentes lucros com a publicação de *Minha Luta*, opta por um ponto de vista oposto “ao teor das matérias anteriores, onde Hitler era apresentado como um ditador com princípios racistas”:

Deve-se levar em conta que a publicidade das edições da *Livraria do Globo* sempre foi um dos objetivos da revista. (...) Além disso, na época da publicação do texto sobre o *Mein Kampf*, o quinzenário, como já se viu, demonstrava uma intenção didático-pedagógica em suas páginas, onde textos e críticas literárias eram produzidos, visando preparar o leitor para futuras publicações da Casa. É preciso mencionar, ainda, que pelo fato da RG fazer parte dos negócios da empresa Barcellos, Bertaso & Cia., era fundamental que a saúde financeira desta estivesse em bom estado para possibilitar a sua publicação. A matéria sobre a obra de Hitler, então, também pode ser entendida como a propaganda de mais uma edição Globo, que naquele período se arriscava no mercado de traduções, principalmente as que tinham sucesso de vendas. (2002, p. 134-135)

É nesse espírito que *Minha Luta* é publicado, como se pode ler no *release* de seu lançamento na *Revista da Livraria do Globo (Op. Cit.)*. Além dos elogios à figura do “grande líder mundial”, ele declara a visão editorial da casa: “A Livraria do Globo, cujo programa editorial se pode resumir assim: *dar ao leitor brasileiro o que de melhor se escreve no mundo*, acaba de traduzir para a nossa língua esse extraordinário livro de memórias”.

O nome do tradutor também é citado: “a tradução foi confiada ao professor Matos Ibiapina, perfeito conhecedor do idioma alemão”. Nascido em Aquiraz, Ceará, em 1890, Júlio de Matos Ibiapina pertenceu à Academia Brasileira de Filologia. Erudito nos estudos filológicos de línguas estrangeiras, foi professor de inglês, francês e alemão e escreveu diversas obras didáticas para seu ensino. Major do Exército, também foi político, deputado estadual no seu estado natal, jornalista e fundador do jornal *O Ceará*. É importante registrar que a sua tradução de *Minha Luta* é a mais adotada no mercado editorial brasileiro, tendo sido reproduzida em todas as edições do libelo nazista nas últimas oito décadas. A única exceção são as reedições da editora paulista Centauro, que credita sua tradução ao desconhecido e bissexto Klaus von Puschen.

De volta à edição da Globo, sobre a autorização para publicar *Mein Kampf* em língua portuguesa, José Otávio Bertaso nos informa que as condições foram as mesmas impostas às dezenas de casas editoriais interessadas em traduzir o livro emblemático de Hitler, como a americana e a inglesa:

(...) O contrato do livro, trazido na bagagem, rezava entre outras coisas que o editor deveria provar não ser judeu, que o tradutor também não deveria ser judeu e que a tradução deveria ser submetida à embaixada alemã no Brasil, antes de o livro ser composto, impresso e publicado. (2012, p. 37)

Entretanto, apesar dessas exigências terem sido cumpridas à risca, aparentemente o contrato nada versava sobre os paratextos que complementaríamos a edição, como a quarta capa e as orelhas. E não se sabe qual decisão editorial motivou o ocorrido, mas o fato é que não só a 1ª, mas a 2ª e a 3ª edições de *Minha Luta* foram impressas trazendo propaganda de duas obras de autores judeus publicados pela *Globo*, como registrou José Otávio Bertaso:

(...) Reclamava o representante de Hitler [o embaixador alemão no Brasil] que o governo alemão jamais admitiria aquela propaganda mal-avisada, nas orelhas do livro, de duas obras recentemente publicadas de autores judeus, pois tanto Emil Ludwig como Lion Feuchtwanger eram inimigos do Terceiro Reich. O pedido de desculpas foi feito e, na azáfama diária, sem explicar claramente o motivo principal, um memorando recomendou ao departamento de produção que substituísse, nas orelhas da próxima edição, a resenha dos livros de Ludwig e Feuchtwanger. A ordem foi cumprida, e a terceira edição, surgida em 1939, trazia nas orelhas livros diferentes, mas, "desgraçadamente", também de autores judeus. (*idem, ibidem*)

Esse episódio, cômico se não fosse 'trágico', ainda carece de subsídios para explicar como a Globo não perdeu os direitos de continuar publicando *Minha Luta* no Brasil, uma vez que a Eher-Verlag, a editora do partido nazista detentora dos direitos autorais, acompanhava de perto – através dos embaixadores alemães ao redor do mundo – as traduções das memórias do Führer. Mas a confusão não parou na 3ª edição:

Um novo e violento protesto chegou às mãos de Henrique Bertaso, que de imediato convocou seu chefe de produção para, de uma vez por todas, resolver o problema. Como o livro continuava a vender aceleradamente e uma nova edição estava programada para os próximos três meses, Henrique escolheu para a primeira orelha a obra que nenhum alemão nazista contestaria. Tratava-se de *Judeu Internacional*, de Henry Ford. E, para a segunda orelha... Bom, nesse meio-tempo, Erico entrou na sala de Henrique com Athos Damasceno Ferreira. A escolha do título para a segunda orelha foi interrompida. "vamos resolver mais tarde." E, como não podia deixar de acontecer, de novo, em *Minha Luta* Adolf Hitler exaltou as qualidades de um novo trabalho de seu archi-inimigo, Emil Ludwig, a biografia de Catarina II.

Até hoje existem nos arquivos da Globo, na pasta da editora do partido nazista, cartas furiosas da embaixada alemã, datadas até 1941 e dirigidas à Livraria do Globo, com as respostas apresentando desculpas e tentando explicar os sucessivos equívocos. (*idem*, p. 37-38)

Voltando ao texto principal do livro – as memórias de Hitler – a resenha da *Revista da Livraria do Globo* de 6 de setembro de 1934 também chamou a

atenção do leitor para o fato de que a edição brasileira seria publicada “sem o menor corte, sem a menor alteração”, diferentemente das edições francesa e inglesa, que foram ‘modificadas’ por seus respectivos editores:

(...) Uma casa editora francesa o publicou alterando-lhe capciosamente o sentido, em determinados trechos. Esta adulteração valeu-lhe um processo, que ela perdeu, sendo obrigada a pagar pesada multa. Na Inglaterra, o livro sensacional foi também traduzido; fizeram-lhe, entretanto, cortes grandes, visto como Hitler não esconde nada e diz verdades que nem a todos são agradáveis...

O trecho acima faz referência às edições da inglesa *Hurst & Blackett* e da francesa *Nouvelles Éditions Latines*, publicadas respectivamente em 1933 e 1934. Porém, diferentemente dos fatos apresentados pela *Revista*, não partiu das editoras estrangeiras a decisão de ‘mutilar’ ou ‘adulterar’ o texto do Führer, mas sim do próprio autor, por temer a reação da Inglaterra aos seus planos de expansão territorial e, no caso da França, por ser o país “o inimigo mortal, o inimigo impiedoso do povo alemão”, ao qual Hitler não permitiria o acesso ao conteúdo do livro. O que Fernand Sorlot, o editor francês, fez foi lançar o livro sem a autorização da *Eher-Verlag*, com o texto integral e uma nota introdutória, onde justificava sua atitude “porque Hitler até agora se tem recusado obstinadamente a permitir a publicação em francês de *Mein Kampf*” (VIKTINE, 2010: 84). Por ter seus direitos autorais violados, Hitler moveu uma ação, como pessoa física, contra o editor francês, que foi derrotado no tribunal, proibido de comercializar a obra e obrigado a destruir as cópias restantes e os clichês de impressão. Mas Sorlot continuou imprimindo o libelo, reduzido a 100 páginas e contendo trechos do “livro proibido para os franceses”, como era anunciado na cinta vermelha que envolvia os exemplares.

Em 1939, saiu a 3ª edição da Globo. Em 1941, publicou-se a 7ª, e última. Prescrita pela ditadura Vargas a partir de 31 de agosto de 1942 – quando da

entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos aliados e a publicação do Decreto 10.358, instituindo o estado de guerra em todo o território nacional –, toda a tiragem da obra foi recolhida e queimada a mando do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão que tinha, entre os seus objetivos, fazer a censura do teatro, do cinema, das funções recreativas e esportivas, da radiodifusão, da literatura social e política e da imprensa, como assevera José Otávio Bertaso: “Com a entrada, em 1942, do Brasil na Segunda Guerra Mundial, Hitler e seu *Mein Kampf* foram proibidos de circular, recolhidas e incineradas pelo DIP” (2012, p. 38). A mudança na política externa brasileira com relação à Alemanha também se refletiu nas matérias publicadas pela *Revista da Livraria do Globo*, como comenta Dalmáz:

No ano de 1942 – decisivo para a opção brasileira pelos EUA, como se viu – a *RG* produziu, a exemplo dos autores estrangeiros, um discurso hostil e debochado em relação ao líder alemão. No artigo “*Hitler há de cair!*”, novamente assinado por Emil Ludwig, o periódico, em uma nota da redação que precede ao texto, refere-se ao *Führer* como o “louco de Berchtesgaden”, o qual havia escrito o “ridículo livro ‘*Minha Luta*’”. Ao fazer tais comentários, a *Revista* expressa um forte contraste ao que ela mesma havia afirmado em setembro de 1934, na matéria “*Adolf Hitler narra a sua luta*”, quando tanto o chefe nazista como o *Mein Kampf* receberam inúmeros elogios às vésperas da edição do livro pela Globo. (2002, p. 238-239)

Considerações finais

Muitas perguntas sobre as edições de *Minha Luta* publicadas pela Globo permanecem sem resposta, a começar pela negociação dos direitos de reprodução que, como descobrimos, se deu antes de 1936. Também são desconhecidos os termos do contrato referentes ao prazo de execução e de entrega da obra, assim como do valor pago pelos direitos de tradução. Também

não sabemos o que se seguiu à confusão com os paratextos das quatro primeiras impressões, nem quantas foram as tiragens e os exemplares vendidos das sete edições comercializadas até agosto de 1942. Em referência ao episódio da prescrição, ainda há que se localizar sua promulgação pelo DIP como também a notificação do governo da Baviera, detentor legal dos direitos autorais da obra a partir de 1946, cancelando o contrato de reprodução com a editora.

Por fim, quanto aos exemplares publicados pela Globo, até o presente momento consegui localizar apenas uma cópia da 3ª edição, de 1939, na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo. Não constam exemplares na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro nem na Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Com a venda, em 1986, da Globo 'da Rua da Praia' para a Rede Globo, pressupõe-se que esta tenha herdado o acervo da editora gaúcha, dado que aguarda confirmação.

Referências

BERTASO, J. O. **A Globo da Rua da Praia**. São Paulo: Globo Livros, 2012.

DALMÁZ, M. **A imagem do III Reich na Revista do Globo (1933 – 1945)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

HALLEWELL, L. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: Edusp, 2012. 3ª edição.

HITLER, A. **Minha luta**. Porto Alegre: Editora Globo, 1934. 1ª edição.

TORRESINI, E. **Editores Globo**: uma aventura editorial nos anos 30 e 40. S. Paulo: Edusp, 1999.

VERISSIMO, E. **Um certo Henrique Bertaso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Ficção completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967, volume 3.

VIKTINE, A. **Mein Kampf**: a história do livro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

Periódicos:

Artigos em periódicos:

"Esgotaram-se rapidamente algumas edições do livro lançado por Hitler", jornal **O Dia**, Rio de Janeiro, 7.7.1933, 1ª página. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=092932&pesq=Mein Kampf](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=092932&pesq=Mein+Kampf). Acesso em: 21 set. 2016.

"De pintor austríaco a ditador alemão", **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 10.7.1934, p. 17. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&pesq=Mein Kampf](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&pesq=Mein+Kampf). Acesso em: 21 set. 2016.

"Adolf Hitler narra a sua luta", in **Revista do Globo**, Porto Alegre, nº 17, Ano VI, 6.9.1934, p.38.

"Adolf Hitler – Minha Luta", in Livros Novos, jornal **Correio do Paraná**, Paraná, Ano III, 2.9.1934, página 3. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=171395&PagFis=5371>. Acesso em: 21 set. 2016.

"Minha Luta: o grande livro de Adolf Hitler numa edição da Livraria do Globo de Porto Alegre", jornal **O Dia**, Rio de Janeiro, Ano XII, nº 3.260, 4.9.1934, página 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=092932&PagFis=27408>. Acesso em: 21 set. 2016.

"Adolf Hitler – Minha Luta – Edição da Livraria do Globo – Porto Alegre", in Livros e Folhetos, jornal **Diário de Pernambuco**, Recife, 13.9.1934, página 6. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&PagFis=12654&Pesq=Mein Kampf](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&PagFis=12654&Pesq=Mein+Kampf). Acesso em: 21 set. 2016.

"Adolf Hitler – Minha Luta – Edição da Livraria do Globo – Porto Alegre", in Livros Novos, jornal **Correio do Paraná**, Curitiba, 18.9.1934, página 4. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=171395&PagFis=5468>. Acesso em: 21 set. 2016.

Carvalho e Silva. "Mein Kampf", jornal **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 12.3.1935, página 5. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_06&PagFis=4038. Acesso em: 21 set. 2016.

Carvalho e Silva. "O livro de Adolpho Hitler", jornal **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 5.4.1935, página 5. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_06&PagFis=4314. Acesso em: 21 set. 2016.

"Máximas do Mein Kampf", jornal **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 20.7.1934, página 4. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_04&PagFis=23073. Acesso em: 21 set. 2016.

Eloy Pontes, "O fenomeno imprevisto das dictaduras", in *O Mundo das Letras*, jornal **O Globo**, Rio de Janeiro, 10.10.1934, página 2, 1º caderno.

Eloy Pontes, "As bases do nacional-socialismo", jornal **O Globo**, Rio de Janeiro, 9.11.1934, página 2, 1º caderno. Disponível em <http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=193019341109>. Acesso em: 21 set. 2016.

Americo Valerio, "Hitler", jornal **O Globo**, Rio de Janeiro, 12.11.1934, página 6. Disponível em <http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=artigo&ordenacaoData=relevancia&allwords=Mein+Kampf&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=1930>. Acesso em: 21 set. 2016.